

**A SINGULAR SUBSTITUIÇÃO NO CORAÇÃO DA ÉTICA: A  
SIGNIFICAÇÃO INDIVIDUANTE DA RESPONSABILIDADE EM  
EMMANUEL LÉVINAS**

THE SINGULAR SUBSTITUTION IN THE HEART OF ETHICS: THE INDIVIDUANT SIGNIFICATION OF  
RESPONSABILITY FOR EMMANUEL LÉVINAS

Cristiano Cerezer<sup>1</sup>

**Resumo**

Nosso objetivo é fazer uma análise inicial da noção de **Substituição** em Emmanuel Lévinas, levando em conta alguns aspectos centrais de sua formulação em *Outramente-que-Ser ou Mais-Além da Essência* (1974), sua obra mais madura e fundamental. Nesta obra – *Autrement Qu'Être* – Lévinas desenvolve e radicaliza as análises que preparava em *Totalidade e Infinito* (1961), sua primeira grande obra. Enquanto *Totalité et Infini* desenvolvia uma fenomenologia da alteridade e buscava desenhar os contornos de uma **alteridade ética**, em *Autrement Qu'Être* o autor desenvolve uma fenomenologia da subjetividade profunda e visa descrever a gênese e a estrutura de uma **sensibilidade ética** apta a acolher o sentido da alteridade ética descrita inicialmente. Os aspectos que queremos destacar são: i. a situação obsessiva implicada na gênese da consciência moral; ii. a relação entre recorrência e transcendência na encarnação pessoal da responsabilidade; iii. A articulação entre tensão e vocação na significação moral.

**Palavras-chave:** Sensibilidade; Subjetividade Ética; Significação; Individuação; Substituição

**Abstract**

Our aim is do a preliminar analysis of the notion of **Substitution** in Lévinas's Thought, keep in mind some main aspects of your formulation at *Otherwise than Being or Beyond the Essence* (1974), his more mature and fundamental work. In this work, Lévinas developpe and radicalize the reflections made in *Totality and Infinity* (1961). While the last make a phenomenology of the other and look for the design of **ethical alterity**, *Otherwise than Being* (1974) seems do a phenomenology of **ethical subjectivity**, searching for the structure and genesis of the sense of hospitality and responsibility of the self for the other. The aspects that we want make see are: i. The obsessing situation implied in the genesis of moral consciousness; ii. The relation between recurrence and transcendence into incarnation of personal responsibility; iii. The articulation between tension and vocation into moral signification.

**Keywords:** Sensibility; Ethical Subjectivity; Signification; Individuation; Substitution

**IMAGINE:**

Você está entre quatro paredes, num quarto vazio exceto por um detalhe: há outra pessoa nele. É um completo estranho e você não escolheu “estar-ai”. Não há objetos para distração, nem instrumentos para qualquer tarefa a ser inventada. Não há multidão a qual se misturar e marchar calado. O recinto é branco como a neve, asséptico, exceto pela mancha vermelha que se expande com a hemorragia: diante de você esta um estranho ferido, vulnerável, sangrando, que te olha nos olhos em suplica silenciosa. Consegues permanecer indiferente?

---

<sup>1</sup> Professor de Filosofia no Centro Universitário Franciscano – UNIFRA. Doutorando em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM. E-mail: [cristianocerezer@gmail.com](mailto:cristianocerezer@gmail.com)

## Introdução

O que nos torna responsáveis pelos outros? O que significa esta responsabilidade e por que nela cada um “responde” individualmente? Ninguém pode “me” substituir nesta responsabilidade pessoal ou eu posso emprestá-la a qualquer bode expiatório sob um pretexto sistemático? O sentido desta responsabilidade não será responder pessoalmente a cada encontro intrigante em que o outro “me” exige como insubstituível e ao mesmo tempo me faz “ser por” outro, dedicar-me seriamente no “pelo-outro” e para-o-outro” que o face-a-face impõe? Estas questões todas, postas entre a comunidade e a individualidade morais, talvez devêssemos fazer toda vez que formos adentrar no **problema da responsabilidade ética**.

Quando falamos de responsabilidade temos de considerá-la não como um efeito colateral de um liberdade à toda prova tampouco abordá-la apenas como um conceito ético-jurídico ou como o escopo de uma moral consequencialista. Para Emmanuel Lévinas, a responsabilidade é o sentido ético profundo que irrompe na proximidade inter-humana como aquilo que estrutura e humaniza a subjetividade de cada um. Ao mesmo tempo que orienta pela “significação de humanidade” que traz, a responsabilidade singulariza cada sujeito e o exige individualmente como o polo de incidência de hetero-afecções que se convertem em resposta e então em oferta de si à outrem. Esta oferta de si já é “fazer sinal” e estabelecer a base de uma interlocução: nascimento da linguagem.

Emmanuel Lévinas é um filósofo franco-lituano, filiado à escola fenomenológica de E. Husserl e M. Heidegger, mas também influenciado por Henri Bergson, Martin Buber, Gabriel Marcel, etc. Introdutor da Fenomenologia na França, foi um influente defensor e também crítico da mesma, apropriando-se dos métodos e temas fenomenológicos para promover uma renovação da ética via resgate da heteronomia e da sensibilidade morais.

Para Lévinas a afetividade ou sensibilidade é a condição tanto para a gênese de uma interioridade psíquica quanto da abertura significativa à realidade intersubjetiva que, entre tensão e comunicação, estabelece um sentido de humanidade comungado

entre os sujeitos mas acima de tudo interiorizado como a significação de um movimento de transcendência. Tal transcendência não é mais a prévia de um retorno – o sonho de um Odisseu querendo retornar à Ítaca – mas é a recorrência a si de uma resposta incessante ao outro que faz face. A cada encontro inter-humano se reativa uma “pulsão de evasão” de si no qual o sujeito se reencontra no nó mesmo que o liga ao outro. Esta “relação na separação” ou “separação ligante” que se estabelece entre “mim” e o outro desperta “em mim” o sentido de humanidade que é o “para-o-outro” e o “pelo-outro” de toda relação humana autêntica. Sem vínculo não há sociabilidade. Vinculação não é fusão. Caso houvesse uma amálgama de rostos numa entidade coletiva nada significaria, nada começaria, nada importaria. Só há sentido onde há começo e este sentido começa a cada encontro com o Outro. Tal parece ser uma das intuições centrais em Lévinas.

A Humanidade é, portanto, uma Significação. Lévinas nomeará o sentido profundo da responsabilidade humanizante como SUBSTITUIÇÃO. Somos insubstituíveis em nossa responsabilidade, todavia esta responsabilidade radical implica viver “pelo-outro” (e não apenas por si) até o ponto de “morrer por” (dar a vida por outrem). O que abre esta dimensão de disponibilidade e solidariedade com o outro a ponto de, no seio da responsabilidade, sacrificar o próprio egoísmo vital por algo que se coloca além? O que abre e como se desenha esta dimensão do “mais-além da essência”, isto é, do Bem além do Ser?

Nosso objetivo é fazer uma análise inicial da noção de **Substituição** em Emmanuel Lévinas, levando em conta alguns aspectos centrais de sua formulação em *Outramente-que-Ser ou Mais-Além da Essência* (1974), sua obra mais madura e fundamental. Nesta obra – *Autrement Qu'Être* – Lévinas desenvolve e radicaliza as análises que preparava em *Totalidade e Infinito* (1961), sua primeira grande obra. Enquanto *Totalité et Infini* desenvolvia uma fenomenologia da alteridade e buscava desenhar os contornos de uma **alteridade ética**, em *Autrement Qu'Être* o autor desenvolve uma fenomenologia da subjetividade profunda e visa descrever a gênese e a estrutura de uma **sensibilidade ética** apta a acolher o sentido da alteridade ética descrita inicialmente. Os aspectos que queremos destacar são: i. a situação obsessiva implicada na gênese da consciência moral; ii. a relação entre recorrência e transcendência na

encarnação pessoal da responsabilidade; iii. A articulação entre tensão e vocação na significação moral.

### **I. A Substituição e o Insubstituível : a significação ética da individuação relacional**

O capítulo quarto de *Outramente que Ser* (1974) é considerado a peça-chave do pensamento levinasiano maduro. Escrito<sup>2</sup> dois anos antes (1972) da obra inteira (1974), ele foi intitulado “A Substituição”. Lévinas já introduz o texto com uma epígrafe provocativa de Paul Celan – *Ich bin du, wenn ich ich bin*: “Eu sou tu, quando eu sou eu”. Tal epígrafe anuncia um paradigma dentro do qual Lévinas se inscreve e que em boa parte inaugura: a individuação de cada um implica a significação da relação que se estabelece originariamente “entre nós”. A isto se acrescenta que esta relação só é possível se formos constituídos como sensibilidade apta a se manter enquanto individualidade e ao mesmo tempo acolher e responder à alteridade. Tal evento de gênese implicada do Eu para Si e de Si para o Outro não acontece à distância, exige Proximidade. Estar próximo não é marcar uma distância mínima, mas desenhar o sentido de uma aproximação que adquire sentido tanto mais quanto se aprofunda. Eis um ponto fundamental, a Proximidade não é muda, ela se faz Linguagem. A significação do humano é já uma expressão do sentido que a relação desenha em cada um. O UM de cada relacionado significa no PELO-OUTRO da relação vivenciada. UM-PELO-OUTRO; a estrutura da responsabilidade e o sentido da proximidade, insubstituibilidade de Si na Substituição pelo Outro que cada resposta exige.

O capítulo IV de *Autrement Qu'Être ou Au-Dela de L'Essence* (1974) – **A Substituição** – é subdividido em seis partes: 1. Princípio e Anarquia; 2. A Recorrência; 3. O Si-Mesmo; 4. A Substituição; 5. A Comunicação; 6. A Liberdade Finita. Cada uma das seis partes está entrelaçada com as demais e mereceria atenção detalhada. Nós

---

<sup>2</sup> As principais obras serão referidas mediante siglas postas entre colchetes “[ ]” no final de cada referência disponível na Bibliografia que encerra este artigo. Assim, quando aparecer AE será “Autrement que'etre”, o original em francês. Quando aparecer OqS será “Outramente que Ser”, a tradução espanhola e assim por diante. Apenas os artigos serão citados no modo autor-data, p. Ex: DURANTE, LIBERTSON, CIARAMELLI, etc.

focaremos apenas no desenho geral das análises que giram principalmente em torno do Item 4 do Capítulo IV, homônimos.

No Item 1 – *Principio e Anarquia* – Lévinas faz uma desconstrução da noção de consciência identificadora que encontra em si mesmo - ou no seu próprio ser – o princípio a partir do qual sai de si e retorna a si correlacionando toda a diferença numa síntese ideal. A consciência ativa que trabalha na obra da verdade opera por esquematismos que são fixados pela linguagem enquanto aquilo que é Dito. O que é Dito coordena um sistema de signos e mapeia a realidade numa consonância entre *Arché* (Princípio) e *Télos* (Fim), entre o alfa e o ômega de seu exercício. Aqui o Logos fala do Ser, há uma Onto-Logia que se atualiza na posse continuada de si mesma. Contudo, qual o lugar da diferença e da alteridade neste modelo? Não haverá espaço para a heteronomia nesta aventura da autonomia? Para Lévinas não se trata de começar pela razão, mas de buscar o nível aquém do pensamento identificante; trata-se de resgatar a dimensão “anárquica” da Sensibilidade a partir da qual a relação é afecção sem correlação e desde a qual a heteronomia da alteridade pode se inscrever antes do primeiro pensamento lampear iluminando um horizonte cognoscível. Há neste nível aquém da origem, pré-originário, um Dizer que precede e condiciona todos os Ditos: o Dizer da responsabilidade desde Si pelo Outro. Conforme Lévinas:

Partindo da sensibilidade, não como saber senão como proximidade; buscando na linguagem por trás da circulação de informações o contato e a sensibilidade, tentamos descrever a subjetividade como algo irreduzível à consciência e à tematização. A proximidade apareceu como a relação com o Outro... que é incomensurável... invisibilidade, que se faz contato e obsessão... é o próprio *transcender* do signo indo mais além, ou seja, significação. *Significação*: isto é, o tropo contraditório do *um-pelo-outro*, um para o outro que não é um defeito de intuição, senão o excesso da responsabilidade. É minha responsabilidade para com o outro que forma o *para* da relação, a mesma significância da significação que significa o *Dizer* antes de mostrar-se no Dito (OqS, p.164) – [Tradução e grifos nossos]

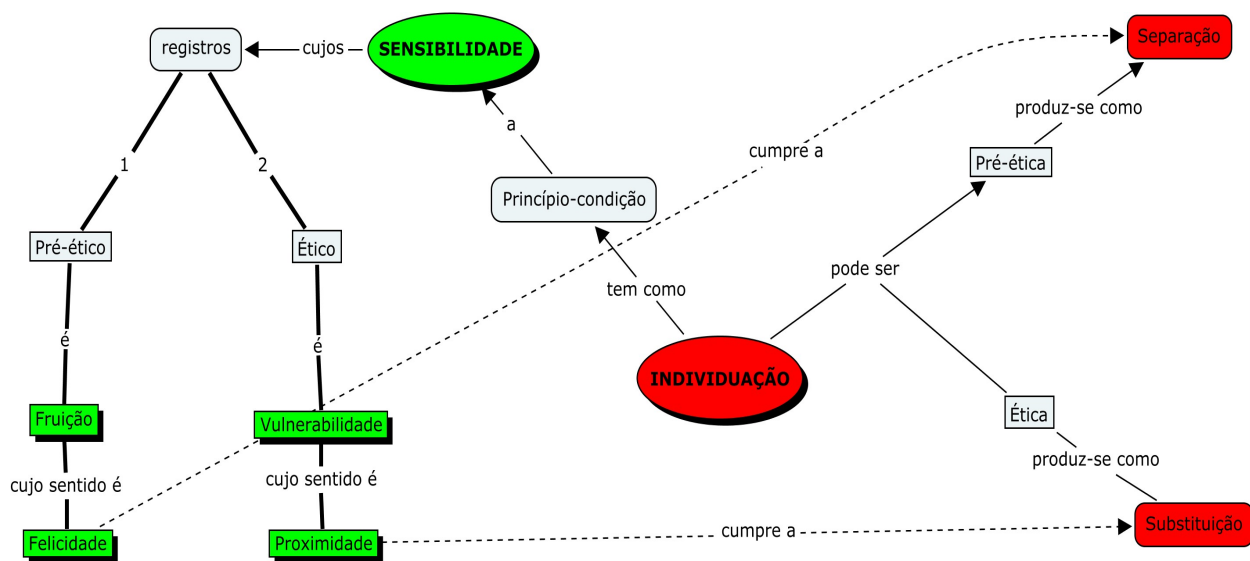
No Item 2 – A Recorrência – Lévinas aborda o problema da individuação do eu na responsabilidade levando em conta a significação da transcendência entranhada na subjetividade e que a lança para fora de si a cada relação. Como se mantém este Si de fundo anárquico – isto é – de constituição sensível aquém do saber de si – e como ele se

unifica em suas interações com o outro? Dito de outra maneira, como se dá a recorrência a si na transcendência para o outro? Como se mantém a unicidade do eu na responsabilidade implicada nas relações com a alteridade? Lévinas vai pensar a noção mesma de subjetividade pessoal e relacional nos seguintes termos:

(...) O *Quem* ou o *Um* ... termo de uma irreversível assignação... Termo irreduzível à relação e, não obstante, termo em recorrência. Eu em si mesmo como um som que *ressoa em seu próprio eco*, nó de uma ondulação que não é, de novo, consciência. O termo em *recorrência* será buscado aqui mais além ou mais aquém da consciência e seu jogo, mais além o mais aquém do ser que a consciência tematiza, fora do ser e, portanto, *em si como exílio*; sob o efeito de uma expulsão, da qual convém explicitar a *significação positiva*; sob o efeito de uma expulsão fora do ser, em si; expulsão enquanto que *me afeta* antes que me mostre, antes que me instale; estou afetado sem recursos, sem pátria, *remetido já a mim mesmo*, mas sem poder me manter ali, *sujeito antes de começar*. Nada que se pareça com a *consciência-de-si*, mas que só tem sentido como *surgimento em mim* de uma *responsabilidade anterior ao compromisso*, quer dizer, de uma responsabilidade pelo outro. Ali sou único e insubstituível, *único enquanto insubstituível na responsabilidade*. (OqS, p.168-69) – [Tradução e grifos nossos]

Os Itens 3 – *O Si-Mesmo* – e 4 – *A Substituição* – versam sobre a constituição da ipseidade desde a passividade sensível e na tensão da responsabilidade. Haveria uma afetividade não-intencional que possibilitaria a relação significativa com o outro assim como a significação individuante da “minha” responsabilidade “pelo outro”. Nos Itens 5 – *A Comunicação* – e 6 – *A Liberdade Finita* – Lévinas defende que por trás da comunicação de conteúdos mentais ou da tematização do ser num discurso universalizante, a linguagem é em sua gênese um saudação e uma interlocução, expressão de si para o outro na responsabilidade e vínculo inter-humano. Assim, a própria noção de liberdade precisa ser revista, uma vez que a liberdade não pode ser ilimitada pois seria injusta e acabaria por destruir a si mesma. A liberdade ontológica é finita e adquire sentido pelo infinito ético testemunha na relação de responsabilidade com outrem. A dignidade da pessoa humana é então reencontrada na sua aptidão em acolher, suportar e responder ao outro, em aprender com o outro e viver o humano em cada relação na qual cada Um possui um Rosto santo e inviolável. Para Lévinas a vocação do humano é ética: ser infinitamente responsável para além do seu próprio ser; ser a si próprio como a despossessão de si saudando o outro.

Lévinas parte das análises da **Sensibilidade**, a qual ele interpreta aquém da objetivação/tematização segundo dois registros: *Fruição* e *Vulnerabilidade*. Por fruição ele compreende o registro pré-ético no qual a ipseidade do eu é gerada desde um sentir egoísta que goza do mundo e se contrai num espaço de interioridade. Trata-se da **Separação** do eu frente o anônimo, sua *Felicidade* individuando-o no gozo dos conteúdos sensíveis. Por vulnerabilidade se compreende a passividade de fundo ou suscetibilidade corporal do eu, sua exposição à dor e à ferida, a qual abre na *auto-afecção* frutiva uma brecha para uma *hetero-afecção* radical na *Proximidade* de outrem. É graças à constituição carnal dos sujeitos que estes – sem romper com sua Separação – entram em **Relação** entre si e esta relação adquire uma significação profunda chamada por Lévinas de **Substituição**. Ver esquema logo abaixo:



## 2. O Um-pelo-Outro: de Obcecado a Refém. A Consciência Moral

A linguagem e a *situação obsessiva* de um Eu “cercado” pelos outros. “A obsessão e responsabilidade”. Há um *concernimento*, uma exigência e uma vocação na proximidade do Outro que torna o eu responsável antes de qualquer iniciativa de fuga ou acordo. A responsabilidade como obsessão e proximidade: vínculo contraído sem decisão, antes da liberdade. Condição de criatura, exposição sensível e exigência ética, gravidade do chamado a ser para-além-de-si: condição de refém. O eu é o si-mesmo enquanto refém do outro (LeP, p.284-5, AE, p.176-7/85-6).

Na proximidade do outro ocorre a individuação ética do Eu em que o si-mesmo é gerado no acusativo da resposta dada, em que a ipseidade e responsivamente gerada desde a e para a alteridade (LeP, 285). O sujeito obcecado e refém do outro não pode se esconder e essa impossibilidade de se esconder torna-se poder: o poder de suportar o outro, de ser mais do que se e “pelo outro”, de viver para que o outro não morra, de sentir a gravidade da responsabilidade tão intimamente e tão profundamente que se pode decidir “morrer pelo outro”. Atlas e Messias, tais parecem ser a vocação do homem para Levinas (LeP, p.285-6).

A *egoidade* do eu, sua “unicidade excepcional e estranha”, é esse evento incessante de *Substituição*: ser Um-pelo-Outro. O acontecimento ético que tem lugar no face-a-face e expiação e individuação pelo outro, condição de refém, linguagem em que a aproximação expressa o sentido dessa proximidade mesma: as coisas são ditas e o mundo significa porque há Dizer e há sujeitos responsáveis e singulares (LeP, p.286).

Levinas questiona a concepção da linguagem como discurso universalizante, tematização ou proclamação. Para ele isto não é o fundamental. Toda comunicação e tematização do mundo e toda a busca da verdade são devedores de um *evento prévio e positivo: a aproximação do Outro*, a manifestação do Rosto, face-a-face. A proximidade, com sua ambiguidade e sua gravidade, traduz uma intriga ética em que a sensibilidade se faz responsabilidade e significação. Na *proximidade o Outro* significa por si mesmo e, coextensiva a revelação do Rosto, há a *individuação ética* do eu. O



discurso seria uma das modalidades fundamentais desse acontecimento ético, em que toda linguagem possível brota da relação entre singulares.

O face-a-face pressupõe a condição sensível e encarnada do sujeito. O Rosto do Proximo encarna o sentido da proximidade e elege o outro próximo (o si-mesmo) como o Único capaz de responder. Segundo Emmanuel Levinas cada pessoa é Um-pelo-Outro, falante por excelência, eleito em resposta. A *consciência moral* seria o “primeiro dado” da subjetividade, pois ela desenha o *pelo-outro* radical e fundamental do sujeito, ela constitui sua *individuação* assim como sua *significação* fundamental e orientação última (TeE, p.64-5).

### **3. A Encarnação Ética da Ipseidade Responsiva: uma Recorrência na Transcendência**

Levinas acompanha a rejeição da “ipseidade genérica” como uma alternativa de entendimento da *constituição da subjetividade*. A relação com outro diria respeito a individualidade que desde o início não seria de modo algum uma questão de individuação em geral, mas de “minha” própria *individuação pessoal* (CIARAMELLI - LEDIU, p.90).

Em *Autrement Qu'être* (1974), Levinas fala que o “nó” último do psiquismo não é aquilo que assegura a unidade do sujeito, mas aquilo que desfaz o núcleo substancial do Ego, ou seja, é a *separação ligante* como associação na diferença que provoca uma *tensão individuante*. Como proximidade, provoca a “ex-posição” e a “des-nucleação”, isto é, a fissão do misterioso núcleo - “nó enigmático” - da interioridade do sujeito pela assinatura a responder, por sua *vocação responsiva de passividade acusativa* (LEDIU, p.90).

A ênfase na Separação, em *Totalité et Infini* (1961), é apropriada para a tentativa inicial de estabelecer a exterioridade – o excesso de alteridade radical que rompe com a totalidade. O ponto crucial é que quando focamos a *relação* ela mesma, descobrimos que na responsabilidade pelo estrangeiro ele é nosso “próximo”. Assim, depois de TI (1961), precisamente em AE (1974), Levinas prefere pensar a subjetividade em termos

de *proximidade*. E ao adotar a fórmula de “separação flexível”, ou “separação ligante”, Levinas introduz no *coração da subjetividade* uma radical e anárquica referência ao outro, a qual passa a constituir a verdadeira interioridade subjetiva. Essa *afecção alterológica* – hetero-afecção – é tão velha quanto a subjetividade ela mesma (p.90).

Na Proximidade – *significação da sensibilidade* no face-a-face com o outro – a individuação “em mim” seria como que uma *abertura* que desfaz a identidade ontológica e que, no mesmo movimento, “me individua”. Minha individuação neste caso seria ética: eu estou ligado ao outro pela responsabilidade cujo sentido é a Substituição (Um-pelo-outro). Em TI, a não-correlatividade do face-a-face indicava a impossibilidade de reduzir a *relação ética* a um sistema ou conceito. A irreciprocidade apontava para a primazia dessa orientação cujo *ponto de partida* era sempre a “posição” subjetiva. Em AE, faz-se notar que essa *posição* é marcada por uma *ex-posição*, isto é, ela é o ponto onde se concentram a *incidência de exigências éticas* infinitas. Assim, o que individua o sujeito não é a unidade do gênero específico (*sui generis*), nem alguma qualidade distintiva, tampouco a inércia da quiddidade especificada por uma diferença ontológica.

*A subjetivação é uma individuação ética*: unicidade de assinado, ser marcado a responder pelo outro, ser a si-mesmo sob acusação, passividade acusativa. Proximidade e Substituição: somente num indivíduo pessoal podem incidir exigências éticas, somente um Eu poder ser si-mesmo para e pelo-outro. Eu concreto cuja individuação é irreduzível à toda generalização possível, somente ele pode ouvir o outro e receber a *assinção da responsabilidade*. O sujeito, em seu *vínculo pré-originário* com o outro, está além do ser e já marcado pelo *enigma da transcendência*. O segredo da subjetividade é o seu *des-inter-esse*, seu modo de ser *exceção* face o regime ontológico, sua capacidade de desfazer a essência, ou desconstruir o conceito, por sua *orientação íntima* para-o-outro (LEDIU, p.91).

A facticidade da “minha” individuação não se reduz ao conceito de indivíduo e a responsabilidade traz a significação (ética) da individuação. Na *anarquia da sensibilidade* –assimetria e diacronia – a Substituição e o *sentido da recorrência a si na transcendência para-o-outro*, onde a proximidade e uma associação pelo segredo das

interioridades e onde cada um está “em si como exílio”. A acusação infinita singulariza-“me” na responsividade do face-a-face. A demanda ética de outrem é imediata, grave e específica a tal ponto que “me” individua na responsabilidade em que se “inscreve” a substituição. A responsabilidade é individual e intransferível, significa “minha” *substituição* (ser um-pelo-outro, “morrer por...”) inscrita no meu Ego, inscrita como Eu (LEDIU, p.91-4)

A sensibilidade e o campo genético da significação-individuação ética e a análise do sensível deve seguir as modalidades individuativas de cada registro estesiológico. No registro “pré-ético” da **fruição** se dá a *posição* de Si como a *ocorrência* da ipseidade feliz. No registro “pró-ético” da **vulnerabilidade** se dá a *exposição* de Si como a *re-ocorrência* da ipseidade acusativa. Como a capacidade de fruir pressupõe a abertura à hetero-afecção, o âmbito **pré-originário**<sup>3</sup> da afetividade não-intencional e o campo de ocorrência e recorrência do si mesmo enquanto passividade acusativa em permanente *tensão individuante* auto e heteroafetiva.

Nisto se revela o **esquema da proximidade** em que se implicam a *responsividade* (carne respondente, condição corporal reagente) e a *responsabilidade* (acontecimento/relação éticos e o modo subjetivo de sua significação). A ipseidade seria o *Self não-conceitual*, identidade desigual porque atravessada pela alteridade, diferença individual logicamente indiscernível. A sobredeterminação ética do ontológico na situação-limite do face-a-face equivale a recorrência do Eu a Si que se dá na alternância incessante entre o Dizer e o Dito, entre o questionamento e a resposta dada, entre o ético e o ontológico. A vulnerabilidade abriria a paciência da responsabilidade mais do que a angústia da mortalidade própria. Nesta linha, a Substituição seria o viver *para-o-outro* a ponto de morrer *pelo-outro*, ser “um-para” a ponto de “morrer por” – eis a **significação ética da individuação**. Proximidade como tensão individuante entre separação e substituição; recorrência a si na alternância diacrônica (Dizer ↔ Dito) e na exposição radical (ao *il y a* e a *autrui*) – (CIARAMELLI, p.92-8)

---

<sup>3</sup> CIARAMELLI. “The Riddle of Pre-original”. Aquilo que nos condiciona antes de “tomarmos consciência” e deixa um “vestígio enigmático” que significa pela perturbação mesma que causa em nossas representações.

A Substituição<sup>4</sup> descreve o fato de que a interioridade e já fora de si. A unicidade é já para-o-outro. A aproximação do Rosto é imediata, imprevisível, urgente, porque a *tensão* da subjetividade anima a *conação*<sup>5</sup> mesma desta (LIBERTSON, p.241). A *obsessão* seria o modo dessa “urgência extrema” ou inquietude irreprimível. O devir da assinação na proximidade e a imediateza da iminência desde que, na *diferenciação* e na *repetição*, ele seja “já” presente, como ele e “já” passado irrecuperável. O inatural concerne a subjetividade a partir desse devir imediato em que a *ausência* de intervalo temporal adequado à intencionalidade e a *insistência* de uma imbricação temporal pressiva procedem da irreducibilidade do tempo a manifestação. Assim, a proximidade em que o Rosto significa é uma *inatualidade que concerne* ao presente (p.242-3). “Descompressão” do ser em resposta, aprofundamento que transborda.

A conação [gênese individuante] da unicidade – contração afirmativa pela oferta e pelo desejo – e como que uma *resposta extravagante que desapossa investindo*; ela e o para-o-outro como o debordamento primordial que constitui a *intensidade* do muito próximo. Passividade que remarca a *inadequação* inerente ao desejo de alteridade como *inspiração*. A responsabilidade significa a expressividade carnal como excesso de proximidade do ser revelando a assimetria da individuação. A inspiração investe a separação produzindo a transcendência: o excedente e a aproximação da alteridade. A Separação é sempre uma *alteração primordial* que na intersubjetividade descreve uma intimidade sem adequação e onde o “princípio individuante” é uma exigência que no evento proximal se dá como irreciprocidade e irreversibilidade. A relação inter-humana descreve a “tensão” de uma ambivalência e de uma avidez sem correlação. A “contaminação de origem” produzida pelo Desejo (intencionalidade afetiva alterológica) produz também a ligação do Mesmo com seu Outro e a alteração – assimétrica e diacrônica – que obriga o Mesmo *condicionando sua ipseidade* (LIBERTSON,, p.243-50).

Passividade e espontaneidade, heteronomia e autonomia, não funcionam mais como polos dialéticos, mas são eixos da *intriga ética como evento proximal*. O

---

<sup>4</sup> MALONEY, Philip J. *Levinas, substitution, and transcendental subjectivity*. In: *Man and World*, n. 30, pp.49-64, 1997.

<sup>5</sup> No duplo sentido de “conexão/vínculo” e de “pulsão”.

psiquismo passa a descrever o momento *heterônimo e repetitivo* onde a consciência revem a ela mesma, se desperta e re-desperta, através do *desvio de sua ligação* com o outro. Nisto a intensidade da interioridade – a força ou diástase como exageração - “se acusa” ou se acentua por sua *implicação* com a alteridade. E por isso que a Separação é uma Proximidade e que a individuação subjetiva é a gênese de uma singularidade diferencial. Essa **relação em função de individuação** descreve a “contração” da interioridade no seio de sua *diferenciação*, a qual cria uma *diferença* que se converte em *não-indiferença*: subjetividade enquanto despossessão/fissão, investida como unicidade, implicação de um no outro, ser afetivo forçado em direção ao outro e liberto de si “sob pressão”, recorrente a si na auto-afecção da resposta. Tal unicidade na economia do ser e sempre inclinada para a alteridade pela *intensidade* da diferença e cuja individuação ética é sua *condição de refém* do outro que pesa sobre uma passividade que tem de responder (LIBERTSON, p.217-23).

Toda individuação é aqui desde o início uma *recorrência* a si através da *transcendência* (“desvio da alteridade”). Toda auto-afecção pressupõe uma hetero-afecção e toda auto-percepção pressupõe uma resposta afetiva. O lapso temporal que caracteriza a sensação e a produção da subjetividade sensível permanece a configuração primordial da recorrência. Esta seria a *insistência passiva e repetitiva* da subjetividade no seio da *estrutura diferencial da temporalização*. A subjetividade e a diacronia, “anarquia” do tempo (forma da gênese subjetiva): a repetição e a proximidade que articulam a impossibilidade temporal de totalização de sua descontinuidade. O **Vestígio** seria este “resíduo proximal” que resiste a toda negação e cuja *insistência* ao exterior constitui uma *exigência* ao interior; ele descreve a alteridade do exterior em função da *alteração temporal constitutiva* da consciência. O **Rosto**, por sua vez, descreve a alteridade do exterior sublinhando a *aproximação gerando significação* na/como subjetividade. É na aproximação do Rosto que a subjetividade reencontra seu nascimento latente na presença de um exterior concernente. Esses momentos – **Rosto e Vestígio**<sup>6</sup> – formam o acontecimento complexo da recorrência na transcendência. A

---

<sup>6</sup> Por *Rosto (Visage)*, Lévinas descreve a revelação da Alteridade como anti-imagem significativa ou como Exterioridade que desfaz em sua manifestação toda imagem plástica. Trata-se da manifestação da “alteridade ética”. Por *Vestígio (Trace)*, Lévinas descreve a maneira pela qual a experiência de alteridade

heteronomia da inspiração – afecção da hospitalidade como Desejo – “obriga” a interioridade a partir da diferença de outrem revelada em *função da não-indiferença* da subjetividade. O Desejo e a força dessa diferença ou a intensidade de uma inadequação que possui uma significação positiva. A heteronomia da subjetividade, na sua alteração pela exterioridade, e o princípio de sua unicidade (LIBERTSON,, p.229-41). Como dirá Levinas:

O si é desde o fundo até o topo **refém**, mais antigo que o ego, antes dos princípios. (...) [Na *exposição a expressão* do sofrimento de outrem se individua o] Eu – e este quem comporta em toda iteração um movimento a mais. *Meu sofrimento e o ponto-alvo de todos os sofrimentos...* Este componente de “puro ardor”, por nada, no sofrimento, e a passividade do sofrer que impede o retorno em “assumção” onde se anularia o *pelo-outro da sensibilidade*, isto e, seu sentido mesmo. Este momento do “por nada” no sofrimento é o excesso não-sentido sobre o sentido pelo qual o sentido do sofrimento é possível. A **incarnação do Si** e suas possibilidades de dor gratuita devem ser compreendidas em *função do acusativo absoluto da ipseidade*, passividade aquém de todo padecer *ao fundo da matéria se fazendo carne*.(AE,p.186)

E mais adiante, segue:

O Eu e [na individuação pela responsabilidade que não é alienação] fora de todo lugar, em si – aquém da autonomia da auto-afecção e da identidade auto-referente. Ao sofrer passivamente o peso do outro, apelado por ele a unicidade, a subjetividade não pertence mais a ordem que significa a alternativa de atividade e passividade. Deve-se falar de *expição*, como reunindo identidade e alteridade (...) A **individuação [ética] ou superindividuação do Eu** que consiste em ser em si, na sua pele, sem partilhar o *conatus essendi* de todos os entes mundanos, [e] a *expição do ser* [na paciência da responsabilidade]. O Si, e o fato mesmo de se expor, sob um acusativo inassumível onde o Eu suporta os outros, ao inverso da certeza-de-si do Eu que reúne a si mesmo na liberdade (AE, p.186-88). [Tradução e grifos nossos]

#### 4. Ser Eleito pela Significação Ética: Tensionalmente e Singularmente

A **questão do humano** é recorrente no pensamento levinasiano; todavia a ideia de humanidade aí contida não diz respeito a um gênero, mas é uma **significação** que

---

se inscreve no sujeito desfazendo as representações mas já orientando a subjetividade. Trata-se da significação da “subjetividade ética” vivenciada como obsessão aquém da correlação.

condiciona a própria **individuação** dos sujeitos. Cada homem expressa sua humanidade ao responder dizendo seu *nome próprio* em consideração respondente a cada outro, face-a-face. Sua humanidade passa a estar ligada a uma *condição de refém*, a um comando incondicional. Isto ocorre desde seu mundo-da-vida (*lebenswelt*), desde o *campo sensível* de sua vida atravessada pela alteridade, criatura portando a marca de sua criação como um vestígio do imemorial atravessando a memória. *Diacronia* que define a criatura desde a passagem do tempo como condição de ser-criado no e como não-definitivo. A noção de criação coloca e exige uma singularidade, a elege. A significação que porta implica uma justificação e uma orientação (para-o-outro). O próprio mundo faz *apelo a justificação* e esta não é teleológica, ou ontológica, mas ética. Esta diz respeito a uma *intriga*<sup>7</sup> de alteridade pela qual a própria relação com o mundo se torna uma **questão moral** e não epistemológica (REY, p.117-25)

O homem não é derivado do todo, nem é dele uma simples parte. Há um privilégio do interlocutor sobre o tema e do andarilho sobre a paisagem. Tal é a intuição levinasiana. A significação da humanidade de cada UM precede os “dados” e os esclarece. A inteligibilidade depende da responsabilidade. Se o mundo é um contexto, a experiência é uma “leitura” em que a “compreensão” não é uma síntese tematizante, mas consiste em seguir as direções de sentido para além das qualidades objetivas ou narráveis. A significação não se reduz à representação e se o mundo é contexto, ele é também temporalidade. Há uma alteridade em tensão ou um fluxo de diferença que jamais é quantificado, nem classificado. Toda taxonomia ou esforço classificatório esbarra em sua condição-limite: o humano. A humanização é precisamente uma individuação e uma significação no seio de uma temporalização diacrônica<sup>8</sup>. A lógica formal (conceitual, sintática) é insuficiente para dar conta da lógica transcendental (existencial, fenomenológica) em que pode ser descrita a relação de alteridade. Por isso, a subjetividade humana é indiscernível. Em sua humanidade, cada indivíduo é

---

<sup>7</sup> A respeito da noção de *intriga*, Lévinas se refere às situações dramáticas e prático-afetivas que se jogam antes da consciência representacional e tematizante atuar. A intriga tensiona no limiar da sombra e da luz subjetivas.

<sup>8</sup> **Sincronia** seria o nivelamento das vivências temporais num tempo objetivo, seria a correlação das subjetividades se adequado à uma objetividade pressuposta. **Diacronia** seria a tensão entre duas temporalidades irreduzíveis e a defasagem interna de uma síntese inacabada e já atravessada pela alteridade; seria a forma da subjetividade em relação com sua alteridade própria e com a alteridade radical de outrem.

“logicamente indiscernível” mas, ao mesmo tempo, único, isto é, insubstituível dentro de uma relação irreversível. A identidade pessoal de cada homem não se faz de início por sua pertença a um gênero e não se deduz de uma diferença especificante. Cada indivíduo é único por ser incomparável e não-intercambiável. Sua unicidade (individualidade de singular) é inseparável do eu da primeira pessoa. Entre o UM que “eu sou” e o OUTRO “por quem” eu sou, se *abre uma diferença* sem fundo comum (REY, p.124-31)

Enquanto *proximidade*, toda relação inter-humana é uma “separação ligante”: cada homem é simultaneamente *indiscernível e insubstituível*. Antes da identidade, a subjetividade tem sua **gênese significante-individuante** na *abertura à alteridade* enquanto “*minha*” *responsabilidade* pelo outro. Deve-se, portanto, pensar conjuntamente a multiplicidade dos humanos e a unicidade das pessoas. O pluralismo seria a forma da paz na acolhida da diferença e em seu direito a expressão. Na responsabilidade a Substituição marca a significação (para-o-outro) e a individuação (ser-um-pelo) do sujeito que pode “se substituir” aos outros em sua mortalidade latente e “ser insubstituível” em seu ser-em-resposta. Seria numa “sobrecarga de responsabilidade” que se fundaria “minha” eleição como “único”. Ai estaria o segredo (indiscernibilidade, irredutibilidade) e o não-lugar (insituabilidade, temporalidade diacrônica) da subjetividade (REY, p.132-3).

A **pessoa humana** é radicalmente distinta da coisa por possuir uma “dignidade” que a torna não-intercambiável, infinita em sua alteridade mais que fim-em-si e em-si única mais que peça de um sistema. Todo esforço de Lévinas, contrariamente ao idealismo crítico de Kant, consiste em *reabilitar a sensibilidade no seio do ético*. Ele perguntaria a Kant: como um reino de fins seria possível se os entes racionais que o compõe não conservassem como seu *princípio de individuação* a exigência de felicidade miraculosamente salva do naufrágio do sensível? A felicidade, enquanto sensibilidade singularizada no ápice da auto-afecção, é individuante. Ela permanece princípio de individuação porque ela salva a sensibilidade. Para Levinas, a universalidade do *imperativo categórico* não sobrepuja a sensibilidade das subjetividades encarnadas. A autonomia racional é insuficiente e limitada por sua abstração formal. Contrariamente, o *imperativo ético* do “Não matarás!” se inscreve no



Rosto de outrem e significa precisamente o *comandamento (mistva)* indissociável da *carne concreta* do Rosto e do *apelo* à “minha” sensibilidade” entrevisto em sua epifania. Todo esforço levinasiano consiste numa **reabilitação do sensível** no seio da ética implicando um **resgate da heteronomia**. A norma, em sua gênese, provém da alteridade exterior ao eu: é heterônoma.

Heteronomia endereçada “a mim” como *vocativo* e que “eu respondo” pelo *acusativo* “eis-me”. O registro sobre o qual o imperativo ético toca a subjetividade é a sensibilidade concebida como “suscetibilidade a ser-afetado”, isto é, vulnerabilidade ao prazer e ao sofrimento. Logo, a sensibilidade não é aqui do tipo cognitivo, ou seja, segundo a função intuitiva de recepção e apreensão do sentido objetivante. Não haveria *percepção* do objeto sem *exposição* (afecção) do sujeito. A *hetero-afecção* funciona como *interpelação* entre homens concretos cuja responsabilidade individuante os exige singularmente, ou seja, que enquanto “eus” cada um tenha um “nome próprio”. Fora do gênero, o único é afetado pelo outro recebendo uma *assinatura moral*. O humano ultrapassando seu gênero, fora do conceito, não pode figurar como um projeto ou como programa: ele está ligado a **singularização da carne sensível pela significação ética** (REY, p.134-7)

A *assinação* do outro é entendida na “minha” *significação* para-o-outro. Ou seja, a assinação é o “outro-no-mesmo” eticamente instituído (a encarnação ou inspiração), e a significação é o “um-pelo-outro” na perspectiva ética (a ex-posição e a responsabilidade). Na instituição da ética, toda *expressão significativa* está implicada num *evento responsivo*, “minha” palavra está transcendentalmente implicada numa *relação de alteridade*; assim, a assinação e a significação não são enunciados reais, mas “funções transcendentais” (MURAKAMI, p.178). Tal assinação equivale ao *comandamento do infinito*. O “encaixe” entre a assinação do outro e a “minha” significação funciona como *apelo imperativo* ligado à uma *resposta significativa*. É o Infinito que supostamente institui esta *estrutura de “encaixe”* (p.178-9). Diante de outrem “eu respondo” ao Infinito<sup>9</sup>.

---

<sup>9</sup>Lévinas utiliza estas oposições entre *Totalidade* (Sincronia, Identidade, Sistema, O Ser) e *Infinito* (Diacronia, Alteridade, Acontecimento, O Bem). A situação em que a totalidade se quebra para revelar sua condição é a relação de responsabilidade para com outrem.

O **profetismo** seria pois a maneira “coerentemente deformada” da instituição secundária da *ética* que se encarna na instituição sensível (primária) da *subjetividade*. Mais precisamente, ele designa a maneira “anacrônica” de *incarnação do instituinte simbólico* (infinito) no *nó da instituição* secundária (Rosto ou subjetividade), produzindo o campo topológico da ética. A ética (secundária) “se encarna” na subjetividade sensível (primária) que é o próprio “nó” da intriga inter-humana onde o Rosto “adquire” significação (MURAKAMI, p.179-80). “Nó” que é como um vórtice que se “dobra sobre si” e “sai de si”, como enlace e desenlace do ser e do outramente-que-ser se alternando numa tensão cuja espiral helicoidal conjuga individuação e significação, cujo eixo é o *evento proximal*. Este nó se “ata” na curvatura do espaço intersubjetivo (assimétrico) sobre um tempo subjetivo (diacrônico).

Profeticamente, Eu “entendo” no meu próprio Dizer a assinação do outro. A diacronia – defasagem irreduzível entre o ponto-zero de meu *Leib*<sup>10</sup> e aquele do outro – torna-se o “anacronismo” da assinação e da significação. O comandamento ético “se institui como” algo que precede “intrinsecamente” a consciência cognitiva. A ética (a qual é simbólica, segundo Richir/Murakami) e previamente, é de modo enigmático, “inscrita” no Dizer que se institui sobre a *base da diacronia* (estrutura formal e proto-simbólica). Destarte, a diacronia fenomenológica (entre o eu e o outro) é substituída pela diacronia simbólica (entre o eu e o infinito), que dá a aparência de tempo absoluto (passado ou futuro). A diacronia fenomenológica provém do ponto-zero infigurável do *Leib* de outrem. A diacronia simbólica é tanto a *estrutura do profetismo*, quanto a defasagem entre o *campo do lebenswelt* (“ser”) e o *campo da ética* (“outramente-que-ser”) – (MURAKAMI, p.179-80).

A estratégia levinasiana, sobretudo em AE, é descobrir a ética como e na heteronomia da subjetividade. A *instituição da ética* “se encarna” na *consciência não-intencional* (ligada a sensibilidade), permanecendo fora de toda tematização. Distinto da equivalência intencional entre a vontade e a lei na filosofia kantiana, em Levinas o “encaixe simbólico” se dá entre o *não-intencional* (afetividade) e o *comandamento* (do

---

<sup>10</sup> *Leib* – experiência de corporeidade, subjetividade encarnada, constituição sensível do sujeito que vivencia a si e ao outro através do corpo. Na fenomenologia genética a descrição dos modos de corporeidade ocupa um papel central.

infinito). Isso dá a “aparência” de passado imemorial a esta instituição secundária; porém esta “anterioridade absoluta” da ética não equivale simplesmente à sua universalidade (MURAKAMI, p.181). As duas temporalidades pertencem a registros diferentes, mesmo que ambas reenviem a um passado/futuro absolutos, cada qual ao seu modo. Em geral, o *sentido fenomenológico* (diástase e diacronia) se manifesta através da “instituição secundária” (ética) e não diretamente na “instituição primária” (*Leiblichkeit, lebenswelt*). A dimensão de sentido se fazendo arquitetonicamente distinto da “instituição primária” (lógica transcendental) se substitui a dimensão arquitetônica da “instituição secundária” (lógica da ambiguidade). O mundo-da-vida é atravessado por uma diacronia fenomenológica que “reenvia” para o registro da diacronia simbólica como “modificação ética” do vivido diacrônico (p.180-2)

Haveria uma vocação ética de cada individuo em que o sujeito do Dizer expressa a significância universal de sua indizível particularidade<sup>11</sup>. Assim a ética seria o testemunho profético de um eu inspirado pelo infinito. Sua ipseidade seria o “nó” e a “intriga”, a fissão e a assinação, a substituição na separação, a eleição na paciência. A particularidade do sujeito é “indizível” porque “excede” o dito e implica o Dizer incessante. A situação e eleição éticas particulares não podem ser generalizadas ou recusadas. O profetismo seria a declaração da *vocação messiânica de cada individuo*, feita por cada individuo ao dizer Eu se acusando na resposta à alteridade. O Dizer dessa responsabilidade excede e transcende cada dito; o imperativo da substituição é individuante ao exigir cada individuo como único (LEDIU, p.83-4/p.91-8).

A obra levinasiana é a busca pela *significância da ética* e da *experiência de moralidade*, a qual significa a assinação anárquica do particular (sujeito concreto) para a moralidade mediante o apelo do outro (LEDIU, p.85). A ética se torna a base de todo questionamento e de toda produção de sentido. Toda *obrigação moral* provém imediatamente da singularidade posta em situação moral a qual implica os sujeitos porque os exige e os exalta imediatamente, singularmente. A lógica levinasiana afirma a distinção entre a “obrigação moral” e a “experiência da lei”, sendo que a primeira é uma

---

11 Eis o aparente paradoxo do discurso ético levinasiano: “ele só tem uma significação universal e absoluta se estiver enraizado na extrema particularidade de minha própria resposta a transcendência” (Ciaramelli, LEDIU, p.91)

ordem que possui autoridade em si mesma sem recorrer a um princípio universal impessoal. A repulsa levinasiana da *arquê* e do ser como fonte de significação acarreta uma inversão do privilégio da ontologia e do conhecimento. Ao focar a significância original da obrigação imediata do sujeito no face-a-face, dá-se conta de certa “universalidade” no concernimento de cada indivíduo em cada situação moral. O poder prescritivo do “apelo do outro”, o *imperativo ético* do Rosto, concerne a cada sujeito em cada intriga inter-humana (p.85-6). A renúncia da ontologia no discurso levinasiano é inseparável de uma revisão profunda do que se entende por responsabilidade e por individualidade. A unicidade própria da ipseidade se liga à substituição pelo outro (CIARAMELLI, LEDIU, p.86).

A subjetividade dita “pré-originária” - “em paciência mais do que não-livre” - precede a liberdade e a própria intriga do face-a-face. Se a “individuação do ego em mim” antes da identidade é completada ou reforçada através da responsabilidade, então a *passividade radical* insinua uma “estrutura metafísica” irreduzível ao próprio *contexto ético* da relação com outrem. A interpretação da subjetividade como *exposição* e como *substituição* traduz a primordial **gênese da significação** (CIARAMELLI, p.86-7). A verdadeira fonte da subjetividade é o que Levinas chama de **pré-originário**: a afetividade não-intencional, passividade aquém da liberdade. Neste ponto a ética ainda não está constituída. Nesta “subjetividade nascente”, antes de toda “arquê”, está a **condição genética da significação ética**<sup>12</sup>. Trata-se de uma liberação não-ontológica ou trans-ontológica do sentido da singularidade de cada um, a qual Levinas chama “extração do ser” (p.87). Essa liberdade ética fundada na responsabilidade possui uma determinação positiva proveniente do *apelo* do outro – exigência e acusação – que requisita uma compreensão inteiramente nova do que é “irreduzivelmente próprio” (ipseidade) na subjetividade. A *liberdade ética*, em sua “liberação” do ser e “determinação” positiva pelo outro, coloca o problema da individuação na responsabilidade como uma aceitação de uma vocação a qual somente “eu” posso responder (p.87-8).

---

<sup>12</sup> “A significação precede a essência (...) Substituição é significação (...) Substituição como subjetividade... unicidade do eu... na responsabilidade... o des-inter-esse suspende a essência...” (OqS, p.58, AE, p.29)

A **questão da subjetividade** em Lévinas se liga à idéia de *irreversibilidade* como caráter próprio do movimento de subjetivação. O infinito seria a *normatividade* constituinte da subjetividade desde seu *campo de gênese sensível*. O estatuto da relação de alteridade se estabelece num circuito de responsividade em que a resposta significativa é condicionada pela demanda. Neste *regime de alteridade* cada demanda traz uma “sobrecarga de sentido” em que, por produção do outramente-que-ser no ser, o dever-ser é produzido como *norma genética* da subjetividade acusada antes mesmo da elevação deontológica do subjetivo por participação no universal. A implicação da subjetividade na alteridade envolve relação, abertura e elipse; nunca uma participação pura e simples. A relação inter-humana teria em Levinas a *assimetria* por estatuto e a *associação* por forma. Ao colocar o **problema da gênese** – desde Husserl – Levinas pergunta: através do que a subjetividade pode ser constituir como tal? Ao que responde o processo de constituição? (DURANTE, p.261-71)

A desconstrução progressiva da noção de subjetividade convida a pensar o problema de sua gênese. A subjetividade não é um atributo de um eu substancial, mas o resultado aberto e re-ocorrente de uma operação constitutiva, de um *processo de subjetivação*. Esta subjetividade *responde às condições* que presidem sua constituição, isto é, ela é acessada do lado da resposta. Afim de que, na responsividade, haja uma *recorrência a si* para além do mero preenchimento de um vazio, é preciso que a resposta contenha mais do que a demanda. A resposta deve estar em relação não só com a demanda específica mas com uma *sobrecarga de sentido (surenchere du sens)* à qual ela deve obedecer. Ao nível das *condições constituintes* da subjetividade a *norma genética* deve estar ligada a uma relação assimétrica entre a questão e a resposta, onde um excesso rompe com o regime da correlação. A unidade de sentido ou a *significação como orientação* se retraça ao longo de uma elipse cujas fontes são o UM e o OUTRO, ligados por uma relação cujo *estatuto assimétrico e forma associativa* remontam a um *fundo sensível alterológico*<sup>13</sup>. Assim, a subjetividade seria uma implicação que não se realiza como “presença” do ser-ai (*dasein*) num horizonte que se ilumina, mas se efetua

---

<sup>13</sup> Entende-se aqui *Alterologia* como “Teoria da Alteridade” ligada à uma *Estesiologia* ou “Teoria da Sensibilidade”. Dentro de uma Fenomenologia Genética, ambas se opõe à *Egologia* (Fenomenologia Estática) por buscarem as condições de gênese da subjetividade e das significações num nível anterior à auto-consciência egológica.

no *vestígio* de uma “ausência” afetante: ela é eclipse, “in-finição”, *heteronomia do si* no “desvio” de sua exposição à alteridade (DURANTE, p.261-8)

A fraternidade ou o inter-humano significa que o destino do UM é necessariamente uma tomada para SI do destino do OUTRO. Uma vez que o **ser-para-a-morte**<sup>14</sup> de outrem é “não-presente” ou e apenas acessível como *vestígio*, o Rosto que é expressão reveladora de sua alteridade (de sua vida que passa) instaura de modo pré-originário uma “in-finição”. A única maneira de assumir o destino – ou a morte – do outro para si é **ser-para-o-outro**, numa *relação de in-finição* (ser para além da morte) em que a *ipseidade* não se refere à “minheidade”, mas está desde já implicada na *alteridade*. Na responsabilidade a *estruturação da subjetividade* se mede não pela *autonomia* do eu (*moi*) mas pela *heteronomia* do si (*soi*), no fato deste ser exigido infinitamente ao ter de responder aos outros (DURANTE, p.268-9/272-4).

A capacidade de resposta implica a capacidade de **Substituição** cujo estatuto de significação implica uma temporalidade diacrônica onde a afetabilidade se torna obsessão e onde a não-indiferença marca um movimento irreversível. A irreversibilidade da subjetivação é a conjunção da *gênese individuante* (singularização subjetiva) e da *estruturação significativa* (universalização normativa); mas é também o caráter das relações de alteridade pelas quais a subjetividade emerge. Atravessada pela transcendência, a subjetividade surge a partir da irreversibilidade e da imediaticidade do sensível; isto acaba determinando as relações intersubjetivas. Por isso, a *proximidade* interrompe a consciência transcendental que se toma por origem de si. A recorrência subjetiva se dá como uma “falta de origem”, como uma ausência de fundo comum no coração do contato. O eu (*moi*) e o si (*soi*) permanecem num contato que é separação, uma fissão e uma diástole, *ser-SE-em-resposta*. Esse acesso ao outro em sua alteridade – na resposta – é o interdito (“Não matará!”) e esta interdição é fundadora. De certo

---

<sup>14</sup>Referência aqui à analítica existencial e à ontologia fundamental da fenomenologia heideggeriana. Martin Heidegger descrevia o ser humano como um *ser-no-mundo* cuja situação de *ser-aí* implicava a vivência angustiada de uma antecipação do fim que se convertia em projeto e obra. Ao vivenciar seu *ser-para-a-morte*, ao pressentir seu próprio fim e assim pré-ocupar-se com ele, o ser humano assumia autenticamente sua finitude como aquilo que lhe era mais seu, sua *ecceidade* como “minheidade” (*jemeinigkeit*). Há um elemento egoísta de fundo nesta ontologia que Lévinas se apressa em analisar e criticar juntamente com o apego demasiado ao “mundo” (*welt*)

modo, o “inter-dito” desenha a subjetividade (“Dizer”). Entre a Tentação e a Proibição do homicídio se abre a dimensão da Significação inter-humana (DURANTE, p.271-74).

Minha liberdade não é mais correlativa de outra liberdade, mas de uma *mortalidade* cujo mistério, a “hora incerta”, *me interroga* antes de eu a interrogar. Essa interrogação deforma e amplifica o campo de minha própria responsabilidade que cresce a medida que toda apropriação desta “reenvia” a uma nova demanda (DURANTE, p.278). *A transcendência surge como a norma genética e o evento constitutivo da subjetividade* (p.283). Diacrônica, a subjetividade ética não é mais pensada como poder, mas a partir de uma “impossibilidade” de ordem moral ou de uma “limitação do poder”. Impossibilidade de coincidir consigo mesmo e de permanecer indiferente ao outro – *transcendência-a-si* como sentido do inter-humano. Do ponto de vista genético – da subjetivação e emergência de sentidos na vivência sensível – a subjetividade se constitui na resposta à alteridade do real como *diacronia do sentido*; isto instaura a irreversibilidade<sup>15</sup> da relação de alteridade como caráter originário do subjetivo. Neste processo subjetivante – logo, desobjetivante – não se trata mais da intencionalidade como “transcendência na imanência” tal como ela é acessada pela redução fenomenológica de tipo husserliano. Aqui a redução é confrontada com seu próprio limite, com seu processo de infinição, que a abre para um mais-além do campo transcendental. Essa limitação ou torção do método redutivo implica que *a subjetividade é uma noção quase-fenomenológica*, isto é, que significa – no “limiar” do regime da sensibilidade – algo “entre” o transcendental (fenomênico) e o ético (enigmático) – (DURANTE, p.281-4)

## Conclusão

Emmanuel Lévinas procura resgatar o sentido ético da subjetividade concreta ao passo que reabilita a sensibilidade como paradigma e a heteronomia como condição da

---

<sup>15</sup> A Irreversibilidade da relação é o fato de que não se pode reclamar reciprocidade pois a vivência da relação é tão profunda que atravessa o chão de qualquer fundamento ontológico e reenvia ao campo anárquico (afetivo) de puro dinamismo responsivo. Assim, toda tentativa de “voltar atrás” faz cair no rio subterrâneo já em vias de jorrar como “nova resposta”. Trata-se de uma fonte que transborda à cada relação, pelo sentido e pressão da relação de alteridade, irreversivelmente.

gênese da moralidade. Para Lévinas a significação que nos associa e nos individua não pode ser fixada mediante uma abordagem idealista ou ontologista. A subjetividade adquire sentido ao tomar em consideração o outro em sua alteridade e responder radicalmente desde sua sensibilidade. O autor chamou *Substituição* este sentido profundo da responsabilidade encarnada que faz com que cada um se doe a outrem e a ele se associe. Alguém dirá que o sujeito levinasiano é utópico. Sim, ele é.

O sujeito moral é *U-Topos*: “não-lugar”, ou seja, dinamismo sem ponto de partida ou ponto de chegada fixos, abertura de sentido como vida da responsabilidade “em mim”. Essa é a aventura da subjetividade em Levinas porque, por *recorrência* o eu se descobre insubstituível na responsabilidade pelo outro; cada um sendo insubstituível na substituição do outro em sua dor, até ao dever de expiação desse sofrimento. **Passivamente, tensionalmente e singularmente.** Pois há uma *alteridade constitutiva* na subjetividade, um campo de afetividade não-intencional, que se abre heteroafetivamente a uma *alteridade radical* enquanto carne responsiva. Este modo de ser-em-resposta-ao-outro só pode se inscrever no fundo de uma passividade radical que se transcende ao se tornar responsabilidade. A *gênese da ipseidade* do eu resulta do modo como este é afetado pelo outro, “atirado” de encontro a si mesmo até ficar colado à própria pele, retirada em si que é um exílio em si, sem fuga possível. Sem fissura espacial ou intervalo temporal para tomar consciência da afecção sofrida, *a ipseidade é esta afetividade* e esta afecção mesma. É-se “eu” na medida que “se dá” em resposta ao outro, *heteronomia*, mas também *unicidade* que garante a substituição: que “eu” seja tu por ter sido eleito (por ti) o único para te substituir. Desde *a sensibilidade como condição genética* de toda individuação e significação éticas, a subjetividade é tensionalmente e singularmente profética e messiânica. “Eis-me aqui!” significante, respondente a um apelo transcendente. Ao encarar-“te” no Rosto, Deus “me vêm” à Idéia e então respondo ao Infinito.

Trata-se da Utopia do Humano. A Humanidade não tem endereço, pátria, raça, cor ou dialeto. A humanidade é uma significação que se instaura “entre nós” e se encarna “em nós”. A humanidade inteira está no Rosto que me olha e transborda no infinito de “minha” responsabilidade. Utopia? Sim, mas uma utopia que ganha morada na mãe que está disposta a dar o pão da própria boca e a sacrificar a própria vida pelos



filhos, capaz de arrancar sua própria pele e dar seu coração para que o outro viva. Utopia que ganha morada quando acolhemos os órfãos, as viúvas e os estrangeiros. Utopia que nos faz encarar e sentir o sofrimento alheio não apenas como um compadecimento empático, mas como um imperativo de responsabilidade. Face-à-face respondemos pessoalmente pela humanidade porque a humanidade responde em nós, entre nós. “Eis-me aqui!”

## Referências

AGUILAR LOPES, Jose Maria. **Transcendencia y Alteridade – Estudio sobre E. Levinas**. Espanha: EUNSA, 1992.

BAILHACHE, Gerard. **Le Sujet chez Emmanuel Levinas: fragilité et subjectivité**. Paris: PUF, 1994.

BARATA, A. “Da Alteridade como Experiencia a Experiencia como Alteridade”. In: BECKERT, C. **Levinas entre Nos**. Lisboa/Brga: FCT, 2006, p.155-64. – (Acta 2)

BECKERT, C. “A Tunica de Nesso ou a subjetividade impossível”. In: **Levinas entre Nos**, 2006, p.103-12.

CALIN, Rodolphe. “Passivité et profondeur\_ l’affectivité chez Levinas et M. Henry”. In: **Les Etudes Philosophiques**, Paris, n.3, p.333-54, juil-sep, 2000.

\_\_\_\_\_. **Levinas et l’Exception du Soi: Ontologie et Ethique**. Paris: PUF, 2005. [LeES]

CALIN, Rodolphe; SEBBAH, Francois-David. **Le Vocabulaire de Levinas**. Paris: Ellipses, 2002, 63p. - (In: “Vocabulaire”). [VdL]

CIARAMELLI, Fabio. **Transcendance et éthique**. Essai sur Levinas. Bruxelles: Ousia, 1990.

\_\_\_\_\_. “Levinas Ethical Discourse Between Individuation and Universality”. In: **Re-reading Levinas**. (Ed.: Bernasconi, R.; Critchley, Simon). EUA: Indiana University Press, pp.83-105.

\_\_\_\_\_. “Introduction: le paradigme levinasien”. In: **Revue Philosophique de Louvain**, v.100, n.1-2, pp.1-3, fev, 2002.

\_\_\_\_\_. “The Riddle of the Pre-original”. In: PEPPERZAK, A. **Ethics as First Philosophy**. London: Routledge, 1995, p.87-94. [TeE, LEDIU]

DEPRAZ, Nathalie. **Transcendance et incarnation**. Le statut de l’intersubjectivité comme alterité à soi chez Husserl. Paris: Vrin, 1996. [TeI]

\_\_\_\_\_. **Lucidité du corps**: de l’empirisme transcendantal em phenomenologie. Dordrecht: Kluwer A.P., c2001, xii, 249p. – (in: *Phaenomenologica*; 160). [LdC]

DRABINSKI, John E. **Sensibility and Singularity**: the Problem of Phenomenology in Levinas. S/l: SUNY Press, 2001.

DURANTE, M. “La notion de subjectivité dans la phenomenologie d’Emmanuel Levinas”. In: **Revue Philosophique de Louvain**, T.104, n.2, 2006, p.261-87.

GREEF, Jean de. “L’affectivité chez Levinas”. In: FLORIVAL, G. *Figures de la Finitude*, **Etudes d’Anthropologie Philosophique**. S/l: s/n, 1988.

HAYAT, Pierre. **Individualisme Ethique et Philosophie chez Levinas**. Paris: Editions Kime, 2aed, 1997, 130p. - (“Philosophie-epistemologie”). [IEPL]

LÉVINAS, Emmanuel. **Théorie de L’intuition dans la Phénoménologie de Husserl** (1930). Paris: Jean Vrin, 1970, 223p. [TIPH]

\_\_\_\_\_. **De L’Evasion**. Montpellier, France: Fata Morgana, 1982, 122p. [DE]

\_\_\_\_\_. **Da Existência ao Existente** (1947). SP: Papyrus, 1998. [EE]. **De L’Existence a L’Existant**. Paris: Fontaine, 1947, 147p.

\_\_\_\_\_. **El Tiempo y el Otro**. Trad.: J.L.P. Tório. Barcelona\Buenos Aires: Paidós, 1993, 1ed, 139p. [TO]. “Le Temps et L’Autre”. In: **Cahiers du Collège Philosophique: Le Choix, Le Monde, l’Existence**. Paris: Arthaud, 1948.

\_\_\_\_\_. “Linguagem e Proximidade” [LeP]. In: **Descobrimo a Existência com Husserl e Heidegger**. Lisboa: Instituto Piaget, 1998, 288p. [DEHH]. **En Découvrant L’Existence avec Husserl et Heidegger**. Paris: J. Vrin, 1994, 5ed, 234p.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e Infinito** (1961). Trad.: José P. Ribeiro. Lisboa: Ed. 70, 2000, 287p. [TI]. **Totalité et Infini: essai sur l’exteriorité**. La Haye: Nihjoff, 1974, 4ed.

\_\_\_\_\_. **Humanismo do Outro Homem**. Petrópolis: Vozes, 1993, 132p. [HOH]

\_\_\_\_\_. **Entre Nós: ensaios sobre a alteridade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997. [EN]

\_\_\_\_\_. **De outro modo que ser, o más allá de la esencia**. Trad.: Antonio Pintor-Ramos). Salamanca: Sígueme, 1987. [OqS]. **Autrement qu’être ou au-delà de l’essence** (1974). La Haye: Nihjoff, 1974. Paris: Kluwer, Le Livre de Poche, 1991, 283p. [AE]

LIBERTSON, J. “La recurrence chez Levinas”. In: **Revue Philosophique de Louvain**, T.79, 1981, p.212-51.

MARCOS, M.L. “Tensionalmente. Singularmente”. In: **Levinas entre Nos**, p.113-21.

MURAKAMI, Yasuhiko. **Levinas Phenomenologie**. Vaucanson, France: Ed. Jerome Millon, 2002, 323p. [LPh]

PEREZ, Felix. **D’une Sensibilite a l’Autre dans la Pensee d’Emmanuel Levinas**. France, Paris: L’Harmattan, 2001.

REQUENA TORRES, I. “Sensibilidad y alteridad em Emmanuel Levinas”. In: **Pensamiento**, XXXI (1975), p.125-149.

REY, J.-F. **La Mesure de l’Homme: l’idee d’humanite dans la philosophie d’Emmanuel Levinas**. Paris: Michalon, 2001, 350p.

STRASSER, Stephan. “Antiphenomenologie et phenomenologie chez Levinas”. In: **Revue Philosophique de Louvain**, T.75, 1977, p.101-25.

CEREZER, C. A singular substituição no coração da Ética: a significação individuante da responsabilidade em Emmanuel Lévinas.

TALLON, Andrew. “Non-intencional Affectivity, Affective Intentionality and Ethical in Levinas's Philosophy”. In: **Ethics as First Philosophy**, pp. 107-121.

VANNI, Michel. **L'impatience des Reponses – L'ethique d'Emmanuel Levinas au risque de son inscription pratique**. Paris: CNRS Editions, 2004.

VISKER, Rudi. **Truth and Singularity**. D./B./London: KLUWER A.P. - (Phaenomenologica; 155).

Recebido em 25/12/2012  
Aceito em 30/12/2012